

CIDADE

Carybé queria encontrar uma loja de antiguidades onde anos atrás ele viu um dente de marfim trabalhado, e o sujeito queria seiscentos cruzeiros. Carybé não tinha, mas ficou com pena de não ter comprado, nunca se esqueceu daquele desenho, uma cobra engulindo um menino, um homem segurando um peixe, uma bananeira, um macaco. "Marfim africano" — disse Carybé — e o desenho é uma beleza de simplicidade".

Sei que por causa disso andamos uma porção de tempo por aquelas ruas transversais de Frei Caneca, Inválidos, Tenente Possolo; e que nessa andança a gente passava por dezenas de casas comerciais e também residências, e passavam bondes e ônibus, havia gente triste na porta dos botequins, mulheres feias espiando das janelas, oh Senhor o quanto é triste esse trecho urbano, o quanto é urbano! Aqui se compra chumbo a 12 cruzeiros e alumínio a 10 cruzeiros o quilo, ali é a tinturaria "Flôr de Ouro", tão escura e suja, além um restaurante de 9 cruzeiros a refeição acolá uma porta de quinquilharias de matéria plástica, depois ferros de engomar, bonecas empoeiradas, um pequeno joalheiro, um melancólico alfaiate, uma loja de sapatos feios.

Nessas ruas e em outras haverá casas boas, pequenas indústrias respeitáveis, artífices hábeis, até firmas de grande importância, mas o que enxameia é a tristeza desses pequenos negócios de mercadorias pífias, essas tristes oficinas sem luz, nem fé, nem esperança. Aquela mulherzinha que vende coisa de adorno caseiro (estatuetas horróridas de barro pintado, vasos vermelhos, bibelôs baratos, uma infinidade de bugigangas de um mau gosto lancinante) terá ela freguezes certos, ganhará seu modesto dinheiro, morará nos altos ou nos fundos, terá um carro, irá algum dia à praia ao Jardim Zoológico, ao Jardim Botânico, terá bronquite ou morrerá de quê?

Essa humanidade é em demasia triste, e mesmo as criaturas jovens, belas e fortes têm um certo ar cansado ou usado, um indefinível desgaste, uma invisível poeira de fadiga que invade seus pulmões e seus destinos. Não há miséria, há apenas pobreza, mas o que essa pobreza tem de terrível é seu ar impuro e comercial, sua afetação medíocre, a mesquinhez de seu território de asfalto, entre paredes pardas. Não há árvore, nem céu, nem campo, nem mar, nem rio, nem nenhum horizonte azul ou verde, e entretanto aqui, entre as lojas, atrás das lojas, sobre as lojas, nas próprias lojas, mora gente — vive, come, cresce, ama. Há pequenos hotéis, pequenas casas de saúde — eu me imaginei saindo de um pequeno quarto amarelo do andar térreo daquele hotelzinho de esquina para visitar Carybé operado de manhã naquela pequena clínica, ou esperá-lo na porta daquele dentista que aruncia extrações sem dor, para comer um sanduíche de mortadela com cerveja preta no botequim cheio de moscas, de chão preto.

Isto é uma cidade, esta é a maldição da cidade, e ainda nas mais belas cidades há estas zonas sem horizonte e sem história, cheias de poeira e de barulho, de pequenas espertezas e medíocres ambições, de esforço, tédio e limitação. Proponho a Carybé que eu me mude para um hotelzinho melhor — ao "Santa Comba", que me agrada o nome! — e levemos para o quarto uma garrafa de cachaça e lá bebamos, discutamos e durmamos, para sonhar com uma Cidade mais humana e uma vida mais bela.

Manchet 147. 1928/3
A cidade feia C. R.

30/3/53

R. B.

263